

A América Latina na economia-mundo capitalista no Século XXI: a influência da China e os limites do modelo primário-exportador

HELTON RICARDO OURIQUES. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil | helton.ricardo@ufsc.br |  0000-0001-7518-3356

Fecha de recepción: 15 de marzo de 2024 / Fecha de aprobación: 2 de junio de 2024

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a trajetória de desenvolvimento da América Latina nas primeiras décadas do século XXI, buscando contextualizar o incremento das relações econômicas entre os países da região e a China. Nesse sentido, faremos uma apreciação a respeito dos investimentos externos diretos da China e da pauta exportadora e importadora da América Latina para aquele país. Em seguida, discutiremos o ressurgimento do modelo primário-exportador e o seu significado. Por fim, mesmo que de forma breve, mostraremos que a posição estrutural dos países da região, em termos de riqueza, mantém-se praticamente a mesma ao longo dos últimos cem anos, o que nos leva a concluir que uma maior associação econômica com a China, na forma como vem se dando (baseada no padrão econômico centro – periferia), oferece poucas perspectivas para mudanças qualitativas na América Latina, no sentido de uma maior participação na riqueza mundial.

Palavras-chave: América Latina, China, modelo primário-exportador, desenvolvimento.

Latin America in the capitalist world-economy in the 21st Century: the influence of China and the limits of the primary-export model

ABSTRACT

The main purpose of this article is to discuss the development trajectory of Latin America in the first decades of the 21st century, seeking to contextualize the enlargement in economic relations among this regions' countries and China. In this regard, we will make an assessment of China's direct foreign investments and Latin America's exports and imports towards that country. Next, we will discuss the comeback of the primary export model and its meaning. Finally, despite briefly, we will show that the structural position of the region's countries, in terms of wealth, has remained practically the same over the last one hundred years, which leads us to conclude that a greater economic association with China, in the way it has been happening (based on the center – periphery economic pattern),

Para citar este artículo: Ouriques, H. R. (2024). A América Latina na economia-mundo capitalista no Século XXI: a influência da China e os limites do modelo primário-exportador. Revista Desarrollo Estado y Espacio 3(1) (Enero-Junio). Santa Fe, Argentina. UNL. DOI: 10.14409/rdee.2024.1.e0040

offers few perspectives for qualitative changes in Latin America, in the meaning of a greater share in world's wealth.

Keywords: Latin America; China; primary export model; development.

América Latina en la economía mundial capitalista del siglo XXI: la influencia de China y los límites del modelo primario-exportador

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir la trayectoria de desarrollo de América Latina en las primeras décadas del siglo XXI, buscando contextualizar el incremento de las relaciones económicas entre los países de la región y China. Para ello, analizaremos las inversiones extranjeras directas de China y las exportaciones e importaciones de América Latina hacia ese país. A continuación, discutiremos el resurgimiento del modelo primario-exportador y su significado. Finalmente, aunque de manera breve, mostraremos que la posición estructural de los países de la región en términos de riqueza se ha mantenido prácticamente igual en los últimos cien años, lo que nos lleva a concluir que una mayor asociación económica con China, en la forma en que ha venido ocurriendo (basada en el patrón económico centro-periferia), ofrece pocas perspectivas de cambios cualitativos en América Latina, en el sentido de una mayor participación en la riqueza mundial.

Palabras clave: América Latina, China, modelo primario-exportador, desarrollo.

Introdução

O principal propósito deste trabalho é oferecer uma explicação para a trajetória de desenvolvimento da América Latina no Século XXI, a partir da reflexão a respeito da influência crescente da China e do chamado “neo-extratativismo”, estratégia que vem sendo utilizada por vários países da região na atual conjuntura.

Inspirada por autores que consideram que o *enfoque regional* é mais apropriado para estudar as trajetórias de desenvolvimento econômico de países do Leste Asiático (Cumings, 1984; Arrighi, Hamashita e Selden, 2003), essa investigação pretende refletir acerca da possibilidade deste tipo de enfoque ser útil para entender a posição atual dos países latino-americanos dentro da economia mundo capitalista. Dado que a América Latina, em seu conjunto, encontra-se na (semi) periferia do sistema-mundo moderno desde seu processo de formação no longo século XVI e que o Leste Asiático vem se deslocando em direção ao centro da acumulação mundial capitalista, apesar de ter sido incorporado ao capitalismo histórico de forma periférica no século XIX, a questão que emerge é: como se explica a diferença de trajetória das duas regiões, que se acentua desde os anos 1980?

Uma das questões mais desafiadoras para as ciências sociais na América Latina é encontrar explicações convincentes para o seguinte fato: com três ou quatro exceções, entre as quais Argentina, Brasil, México e Chile (que alcançaram o status de semiperiferia durante o período 1950 – 2000), todos os países da região se encontram na periferia da economia-mundo capitalista (E-MC), isso desde que ambas as entidades (AL e E-MC) surgiram no Século XVI. Em geral, as explicações para esse baixo nível de desenvolvimento econômico são buscadas nas histórias individuais de cada país. Contudo, se a maioria deles se encontra na mesma condição, não é razoável pensar que pode haver características comuns que os impedem de ascender na hierarquia do poder e da riqueza mundiais? E essas causas comuns não seriam aquelas da região

a que pertencem esses países, quer dizer, a América Latina? Em caso positivo, quais seriam essas causas, e como identificá-las?

É evidente que nessa proposta não poderemos dar conta de responder todas essas questões. Assim, o recorte de análise se centrará em dois temas: a) nas relações econômicas entre os países latino-americanos e a China, que se acentuaram desde o início do Século XXI, tendo esse país se tornado o principal parceiro comercial de vários países da região, substituindo os EUA e mesmo vindo a superar o comércio interregional; b) no *neoextrativismo*, estratégia que passou a ser cada vez mais apoiada e praticada por vários países da região, que inclusive acentuou processos de desindustrialização, a ponto de termos situações de “desindustrialização prematura” (como parece ser o caso brasileiro, por exemplo).

Tendo em vista que consideramos que as explicações baseadas no desenvolvimento nacional não nos parecem satisfatórias, buscaremos demonstrar que a história do capitalismo não é baseada nos mesmos resultados em espacialidades diversas, sendo que a dimensão regional deve ser encarada como uma parte importante da explicação da divergente trajetória entre o Leste Asiático e a América Latina, na atual conjuntura da economia-mundo capitalista. Assim, a pesquisa está alicerçada no **enfoque regional**, tal como exposto por Cumings (1984); Arrighi, Hamashita e Selden (2003), e So e Chiu (2005), que adotaram a perspectiva regional para estudar os países do leste asiático, sendo um pressuposto importante da investigação aqui proposta a utilização desse enfoque para a compreensão da trajetória de (sub) desenvolvimento da América Latina.

Não é tarefa fácil demonstrar que na América Latina a dinâmica regional teve um peso similar no desenvolvimento das diferentes economias “nacionais”. É possível que no período colonial e talvez no Século XIX (antes dos processos de independência), os intercâmbios regionais tenham sido importantes, mas essa importância diminuiu na medida em que os novos Estados criados nas primeiras décadas do Século XIX se articularam economicamente mais à Europa e EUA do que entre si. É provável que atualmente as interdependências e interações continuem mais fortes ao nível sub-regional: Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA) e Mercado Comum do Sul (Mercosul), por exemplo.

De qualquer forma, foge ao escopo desse trabalho uma análise detalhada a respeito da integração econômica na América Latina, embora nos pareça razoável, em perspectiva comparada com o Leste Asiático, que a maior integração econômico-produtiva entre aqueles países seja um fator importante para a diferença de trajetória entre as duas regiões, em particular a partir de 1980. Feita essa ressalva, as duas temáticas a serem abordadas nesse artigo são as anteriormente mencionadas. Para isso, o texto está dividido nas seguintes seções: na primeira seção faremos uma breve exposição acerca da dinâmica das relações econômica entre China e América Latina do ano 2000 em diante, com destaque para o tema dos Investimentos Externos Diretos (IED) da China na região e a matriz exportadora da América Latina em geral. Na seção seguinte, apresentaremos especificamente as relações comerciais entre China e América Latina, evidenciando a predominância do modelo primário exportador, aqui chamado *neoextrativismo*, destacando também o problema da desindustrialização prematura da região. Finalmente, na última seção, buscamos trazer alguns outros elementos para a reflexão, como a posição dos países da América Latina na hierarquia global de riqueza e a questão da integração regional.

As relações econômicas entre China e América Latina: os Investimentos Externos Diretos chineses e a matriz exportadora latino-americana

Em trabalho anterior (Ouriques, 2019), fizemos um breve balanço sobre as relações econômicas entre a América Latina e a China, para o período 2000-2015. Nesse trabalho, resumidamente, apresentamos argumentos de alguns autores a respeito do significado do incremento comercial

entre esses dois agentes: aqueles que enxergam ganhos mútuos; aqueles que viam prejuízo na relação econômica e a nossa própria reflexão, que considerava e ainda considera a maior presença econômica da China nos países da América Latina como simplesmente “mais do mesmo”, por apenas substituir os Estados Unidos como principal parceiro comercial, posto que o essencial nas estruturas de exportação e importação da maioria dos países da região se mantinha: exportação de produtos primários e manufaturas baseadas em produtos primários e importação de produtos manufaturados de média e alta intensidade tecnológica.

Outro elemento da reflexão que fizemos dizia respeito aos Investimentos Externos Diretos (IED) da China na América Latina, que efetivamente tiveram incremento absoluto no período que analisamos (2003 a 2012), posto que a América Latina e o Caribe receberam US\$ 4.619,00 milhões de IED (Investimento Externo Direto) chinês em 2003 e US\$ 68.212,00 milhões em 2012 (UNCTAD, 2014). Contudo, em termos relativos, houve uma redução de 13,90%, para 12,82% do total dos investimentos chineses no exterior. Mas é necessário, ainda, que se perceba quem foram os receptores desses IED. A participação dos países da América do Sul, por exemplo, foi muito pequena no período, chegando ao máximo de 1,21% dos IED chineses em 2012. Os investimentos chineses na América Latina e Caribe, na verdade, concentraram-se nas Ilhas Virgens (5,8% do IED em 2012) e Ilhas Cayman (5,65% do IED em 2012), que são notoriamente conhecidos como paraísos fiscais. Os dados que analisamos evidenciavam que nenhum país da América do Sul, ao longo de cada ano do período 2003-2012, recebeu individualmente sequer 0,5% dos IED chineses, o que de certa forma minimiza discursos exageradamente otimistas a respeito dos investimentos chineses nos países da região, que surgiram tanto na imprensa quanto nos meios políticos e empresariais. Não estamos dizendo aqui que esses investimentos não possuíam importância, mas apenas chamando a atenção para o fato de que a América Latina não parecia ser o principal foco da economia política chinesa.¹

Entretanto, como argumentado na ocasião (Ouriques, 2019), vários países da América Latina se beneficiaram, em particular na primeira década deste século, da nova dinâmica imposta à economia mundial pelo ressurgimento chinês, aqui sintetizada na expansão do mercado interno daquele país e na sua política de favorecimento das exportações, o que implicou em uma rodada de expansão dos preços internacionais dos produtos primários, no que ficou conhecido como *boom das commodities*. Ocorreu assim uma conjuntura extremamente favorável para os países ricos em produtos naturais da América Latina, com vários países tendo incremento significativo em suas exportações.

Mas o que dados e informações mais recentes nos dizem a respeito da dinâmica do relacionamento econômico entre China e América Latina? Uma primeira aproximação indica que a presença chinesa na região se consolidou:

....os fluxos comerciais ultrapassaram US\$ 300 bilhões em 2019, um substancial incremento, quando comparados aos modestos US\$ 15 bilhões em 2001. A China tornou-se um investidor direto fundamental na América Latina, com fluxos de até US\$ 10 bilhões por ano entre 2011 e 2018. Os empréstimos dos bancos chineses aos governos da região chegaram a superar a totalidade dos empréstimos do Banco Mundial (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD), do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Banco de Desenvolvimento da América Latina (Corporación

¹ Além disso, é necessário qualificar que tipo de investimentos são esses e quais seus impactos nas economias locais. Esse é um assunto que foge, contudo, ao escopo desse artigo.

Andina de Fomento – CAF) para a região em valores acumulados entre 2005 e 2017 (PUTY, C.; JIA, L.; BARROS, P.S., 2020, p. 6).

A respeito dos estoques e fluxos de investimentos, aliás, a distribuição dos mesmos para o período 2005-2023 mostra um montante significativo em termos de valores para o Brasil (4,96% do total dos investimentos chineses), o Peru (1,99%), o Chile (1,25%) e a Argentina (0,89%), como evidencia a Tabela 1, embora em montantes e percentuais muito inferiores aos de outros países.

De qualquer forma, é necessário reconhecer que aquele movimento que estudamos no período 2000-2015 (Ouriques, 2019), apontado anteriormente, continua em vigor:

A presença da china no subcontinente tem se incrementado com a mobilização de crescentes somas em investimento, concessão de empréstimos e realização de projetos de infraestrutura. Como produto da modificação tanto na gestão das reservas cambiais da China no pós-crise de 2008, quanto na ampliação da política *going global*, a América Latina também tem sido uma região receptora de investimentos chineses. Entre 2005 e 2020, a combinação do IED chinês e dos projetos de construção na América do Sul totalizou US\$ 178 bilhões, sendo que, desse total, US\$ 165,78 bilhões foram alocados na região após 2010. O destaque vai para o setor energético, que concentrou grande parte desses investimentos e somou, entre 2005 e 2020, mais de US\$ 100 bilhões (Pautasso et al , 2020, p. 88).

Tabela 1. China: Investimentos e Contratos em Países Selecionados (2005-2023).

País	US\$ Bilhões	% total
Brasil	70,98	4,96
Venezuela	4,57	0,32
Colômbia	6,99	0,49
Equador	6,37	0,44
Peru	28,48	1,99
Bolívia	1,78	0,12
Chile	17,95	1,25
Argentina	12,77	0,89
México	4,88	0,34
EUA	199,34	13,92
Austrália	105,9	7,39
Reino Unido	100,86	7,04
Indonésia	44,36	3,1
Total Mundial	1.432,34	100

Fonte: China Global Investment Tracker. Disponível em aei.org. Elaboração própria, a partir dos dados brutos.

É importante fazer aqui, brevemente, uma reflexão sobre esses investimentos. Como apontado por Santos, Camoça e Rodrigues (2020), o principal interesse dos IED chineses na América Latina ainda está predominantemente orientado para o setor de energia, em particular o de hidrocarbonetos, seguido pela mineração (cobre e ferro). Assim, “do total acumulado de U\$ 136,84 bilhões de IED chinês na AL no período 2005-2016, a concentração nesse setor foi de 59,43%, dos quais a maior parte foi para o segmento de petróleo, em acordos feitos com Brasil, Equador e Venezuela” (p. 126).

Esses autores mencionam o estudo de Gallagher e Porzecanski (2010), quem efetuaram uma distinção entre os diferentes focos de interesse na busca da China por recursos naturais:

A primeira, denominada de resource seeking (busca de recursos), seria uma forma de garantir fontes de matérias-primas, energia e alimentos; a segunda, market seeking (busca de mercado), teria o intuito de consolidar a indústria do país como altamente competitiva e voltada para economias globais; e a terceira, efficiency seeking (busca de eficiência), consiste em uma atuação visando à diversificação. Majoritariamente, o IED destinado à região faz parte do primeiro tipo, destinado à exploração de setores estratégicos no país asiático, como cobre, aço, petróleo e soja” (Santos, Camoça e Rodrigues, 2020, p. 127)

Destaca-se, ainda, que os IED da China, em particular na América do Sul, em sua maioria são feitos por empresas estatais (Rodrigues e Hendler, 2018), o que indica a centralidade do Estado chinês. Em outras palavras, por meio desses investimentos, a China expande sua influência e ocupa posições estratégicas em outras regiões do mundo. Como argumentado por Barbosa (2020):

...a presença crescente da China nas economias periféricas e semiperiféricas não pode ser imputada ao jogo das forças de mercado pura e simplesmente, ou apenas ao seu apetite por commodities. Antes e durante esse boom, o país, por meio de sua diplomacia econômica, conseguiu acionar mecanismos financeiros que possibilitaram a presença das grandes empresas estatais, não apenas no setor de combustíveis e minérios, mas também fornecendo a infraestrutura para essas atividades, gerando assim um fluxo de exportações de produtos mais intensivos em capital. Isso permitiu drenar para fora um excedente de capital chinês que passou a ficar cada vez mais visível depois da crise financeira dos países do Atlântico Norte, além de permitir que o país ocupasse um papel de destaque na geopolítica global” (p. 149).

Especificamente sobre o caso brasileiro, os IED chineses, de acordo com o relatório do CEBC (2021) “Investimentos Chineses no Brasil. Histórico, Tendências e Desafios Globais (2007-2020)”, para o biênio 2010-2011 os setores de extração de minérios, petróleo e agricultura atraíram cerca de 83% do total dos valores investidos ou prospectados no período. Cabe destacar também a predominância das empresas estatais chinesas nas grandes operações realizadas no período e do modelo de investimento caracterizado por transferências total ou parcial de propriedade de ativos por fusões e aquisições. Nos anos seguintes, o setor extrativista gradualmente perde importância, e o foco dos investimentos chineses no Brasil, a partir de 2012, se concentra no setor de energia, mais especificamente na área de energia elétrica que,

entre 2007 e 2021, representou 46% de todo o fluxo de IED confirmado da China no Brasil, em 70 projetos de geração ou transmissão de energia (CEBC, 2022; Ouriques & Ersina, 2023).

Os dados de exportação e importação para o mundo, para a maioria dos países da América Latina, mostram a repetição de um padrão histórico: exportação de produtos “básicos” e importação de produtos “complexos”. A pauta exportadora dos países da América do Sul, por exemplo, entre 1990 e 2020, tornou-se mais concentrada em produtos de origem mineral e naturais, inclusive com menos processamento de produtos agrícolas. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos, cuja fonte de dados é o Banco Mundial (WITS – World Integrated Trade Solution). A Argentina, em 1995, tinha como 5 principais produtos da pauta exportadora petróleo, soja e seus resíduos, óleos vegetais (girassol, algodão, trigo e óleo de soja. Em 2020, os 5 principais produtos exportados em valor (em dólares) foram pastas/resíduos sólidos da extração do óleo de soja, milho, óleo de soja, soja e carne bovina. Portanto, uma pauta exportadora baseada em produtos primários. O Brasil, por sua vez, em 1990 teve como 5 principais produtos exportados: minérios de ferro, soja, sumos de frutas, café e calçados. Em 2020, os 5 principais produtos exportados pelo Brasil foram soja, minérios de ferro, petróleo, açúcar, carne bovina, e pastas/resíduos sólidos da extração do óleo de soja. No caso brasileiro, acrescentou-se aos produtos primários (agricultura e pecuária) o minério de ferro, muito demandado pela China.

No caso do Chile, em 1990 os 5 principais produtos exportados foram cobre e ligas de cobre; minérios de cobre; farinhas, pó e pellets de carnes, peixes e crustáceos; uvas frescas ou secas e pastas químicas de madeira. Em 2020, os principais produtos exportados foram minérios de cobre, cobre afinado e ligas de cobre, filés de peixes e outras carnes de peixes, pastas químicas de madeira e cobre não refinado. No que diz respeito à Colômbia, em 1995 os 5 principais produtos exportados foram óleos brutos de petróleo, café, hulha, flores e seus botões, pedras preciosas (exceto diamantes). Em 2020, os 5 principais produtos exportados pela Colômbia foram óleos brutos de petróleo, hulhas, ouro, café, óleos de petróleo ou de minerais betuminosos refinados.

Por fim, fechamos essa descrição com o México, cujos 5 principais produtos exportados em 1990 foram: óleos brutos de petróleo, óleos de petróleo ou minerais betuminosos refinados, tomates, frescos ou refrigerados; café; animais vivos da espécie bovina. Em 2020, os 5 principais produtos exportados pelo México foram óleos brutos de petróleo; cervejas de malte; frutas (Tâmaras, figos, abacaxis, abacates, goiabas e mangas); produtos hortícolas, frescos ou refrigerados; minérios de cobre. Esses casos mostram o caráter primário-exportador desses países, o que tem sido, aliás, uma característica da história econômica da região (Bértola & Ocampo, 2019).

Outra maneira de observar a pauta exportadora é pelo Índice de Concentração das Exportações, uma medida de concentração dos produtos exportados. Quanto mais próximo de 1, mais concentrada é a pauta exportadora de um determinado país, e quanto mais próximo de 0, mais homogeneamente distribuídas as exportações desse país. A Tabela 2, abaixo, evidencia que os países da América do Sul, para o período 1995-2022, têm índices muito superiores aos dos Estados Unidos, China, Japão e Coreia do Sul, o que sinaliza uma tendência à menor diversificação das pautas exportadoras dos países da região.

Tabela 2. Índice de Concentração das Exportações.

	1995	2000	2005	2010	2015	2020	2022
LA e Caribe	0,087	0,11	0,121	0,127	0,087	0,083	0,096
Argentina	0,124	0,137	0,136	0,151	0,196	0,229	0,232
Bolívia	0,199	0,182	0,389	0,413	0,437	0,339	0,331
Brasil	0,087	0,088	0,087	0,154	0,132	0,182	0,184
Chile	0,305	0,289	0,321	0,395	0,319	0,348	0,308
Colômbia	0,245	0,295	0,21	0,341	0,354	0,255	0,332
Equador	0,372	0,45	0,535	0,501	0,372	0,323	0,368
Paraguai	0,325	0,529	0,459	0,382	0,315	0,336	0,258
Peru	0,243	0,247	0,243	0,272	0,248	0,277	0,286
Uruguai	0,159	0,17	0,209	0,179	0,218	0,248	0,272
Venezuela	0,498	0,605	0,633	0,692	0,738	0,677	0,598
China	0,07	0,077	0,11	0,107	0,104	0,1	0,101
Japão	0,124	0,135	0,135	0,125	0,135	0,136	0,13
Coreia do Sul	0,148	0,157	0,161	0,154	0,148	0,185	0,186
EUA	0,075	0,091	0,09	0,082	0,097	0,083	0,096

Fonte: UNCTAD. Disponível em www.unctad.org/statistics

Relações econômicas entre China e América Latina: a reedição do modelo primário-exportador

Analisando especificamente as pautas exportadoras e importadoras dos países latino-americanos para a China, o que se percebe à primeira vista, como mencionado anteriormente, é que a pauta exportadora da maioria dos países da região para a China, de 2000 em diante, foi composta majoritariamente por produtos primários, recursos naturais e produtos de baixa intensidade tecnológica. A pauta importadora, por outro lado, foi sendo composta, ao longo dos anos 2000-2020, cada vez mais por produtos de média e alta intensidade tecnológica, como mostraremos adiante.

É evidente que nas duas primeiras décadas do Século XXI houve um incremento significativo, em quantidade e em valores, nas relações comerciais entre China e América Latina (Ouriques, 2019; Pautasso et al, 2020; Santos, Camoça e Rodrigues, 2020). Contudo, é necessário mencionar que a América Latina e o Caribe não estão posicionados como principais destinos das exportações chinesas. De acordo com os dados do *International Trade Statistics Yearbook* (2022), a região foi a quinta colocada em termos do valor exportado pela China em 2022, ficando atrás da Europa, do Leste Asiático, da América do Norte e do Sudeste Asiático, sendo que os três principais destinos das exportações chinesas nesse mesmo ano foram Estados Unidos (16,9%), Hong Kong (9,6%) e Japão (5,0%).

A análise da evolução das exportações e importações da China, de 2000 a 2021 (Tabela 3) evidencia, mesmo assim, uma maior participação da América Latina e do Caribe no comércio total daquele país. A região passou a representar 8,22% das importações chinesas em 2021, em

comparação com os 2,85% do ano 2000. As exportações da China para a América Latina e Caribe igualmente tiveram incremento, passando de 2,85% em 2000 para 6,77% em 2021. Em particular, chama a atenção o comércio Brasil – China, pois o país latino-americano, que representava 072% das importações chinesas em 2000, foi responsável por 4,09% das importações deste país em 2021.

Tabela 3. Exportações e Importações da China para Regiões e Países Selecionados (em % do total exportado/importado).

	2000		2010		2021	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação	Exportação	Importação
Estados Unidos	20,93	9,94	17,99	7,36	17,16	6,74
Europa e Ásia Central	18,72	18,17	24,3	16,77	18,72	18,17
Leste Asiático e Pacífico	48,15	48,74	37,09	47,19	36,7	43,67
América Latina e Caribe	2,85	2,4	5,77	6,53	6,77	8,22
Argentina	0,24	0,41	0,39	0,49	0,32	0,27
Brasil	0,49	0,72	1,55	2,73	1,59	4,09
Chile	0,31	0,59	0,51	1,28	0,78	1,47
México	0,54	0,22	1,13	0,49	2,01	0,71
Peru	0,06	0,25	0,23	0,46	0,4	0,9

Fonte: WITS (World Integrated Trade Solutions), WorldBank. Elaboração própria, a partir dos dados brutos.

Efetivamente, como já mencionado, houve um incremento na relação comercial entre a China e os países latino-americanos. Mas que características tem esse comércio? Em linhas gerais, parece seguir o mesmo padrão comercial do total das exportações dos países da América Latina, por produto, comentado na seção anterior. De acordo com informações extraídas do WITS (World Integrated Trade Solutions), do Banco Mundial, com base em dados coletados para os anos de 2000, 2010 e 2020, podemos perceber um padrão: predominância da exportação de produtos primários e importação de produtos manufaturados, para a maioria dos países analisados, com exceção do México, como evidenciam os Anexos I, II, III e IV.

No caso da Argentina, o padrão exportação de produtos primários – importação de produtos manufaturados, é evidente nos três anos analisados (Tabela 4). O principal exportado para a China nos anos 2000, 2010 e 2020 foi a soja, responsável por 67% do valor exportado em 2000, 71% em 2010 e 36% em 2020 (as carnes bovinas foram responsáveis por 33% do valor exportado nesse mesmo ano). A pauta exportadora desse país para a China, aliás, é muito concentrada, pois apenas 10 produtos representam mais de 90% do que a Argentina exportou em 2000, 2010 e 2020. Quanto aos produtos importados da China, evidencia-se o predomínio de manufaturas e uma menor concentração, dado que em 2020 os 10 principais produtos importados representaram 30,01% do valor importado.

Tabela 4. Argentina – China, exportações e importações.

	Exportações	% Participação no total	Importações	% Participação no total
2020	Soja	36	Máquinas automáticas para processamento de dados	70
	Carnes bovinas	33	Aparelhos elétricos para telefonia/telegrafia	7
	Óleo de soja e frações	6	Aparelhos emissores para radiotelefonia etc.	5
	10 principais produtos	91,49	10 principais produtos	30,01
2010	Soja	71	Máquinas automáticas para processamento de dados	65
	Óleos brutos de petróleo	11	Aparelhos elétricos para telefonia/telegrafia	10
	Óleo de soja e frações	4	Motocicletas e outros ciclo equipados	7
	10 principais produtos	94,12	10 principais produtos	34,86
2000	Soja	67	Máquinas automáticas para processamento de dados	66
	Couros e peles curtidos	9	Outros brinquedos e modelos para divertimento	8
	Derivados sólidos de soja	7	Aparelhos receptores para radiotelefonia etc.	5
	10 principais produtos	95,4	10 principais produtos	34,41

Fonte: WITS (World Integrated Trade Solutions), WorldBank. Elaboração própria, a partir dos dados brutos.

No que diz respeito ao Brasil, nota-se também uma concentração da pauta exportadora (Tabela 5), dado que os 10 principais produtos exportados representaram 93,33% do valor exportado em 2020, e todos produtos primários (alimentos e minerais), com destaque para a soja (31% do valor da exportação brasileira para a China); minérios de ferro (27% do valor exportado) e óleos brutos de petróleo (17% do valor das exportações). A pauta importadora seguiu o mesmo padrão detectado no caso argentino, baseada em produtos manufaturados de média e alta tecnologia.²

² O padrão aqui verificado para Argentina, Brasil e Chile também se observa para os casos da Colômbia e Peru, para 2000, 2010 e 2020.

Tabela 5. Brasil – China, exportações e importações.

	Exportações	% Participação no total	Importações	% Participação no total
2020	Soja	31	Barcos-faróis, barcos-bombas, dragas etc.	68
	Minérios de ferro	27	Aparelhos elétricos para telefonia/telegrafia	5
	Óleos brutos de petróleo	17	Aparelhos emissores para radiotelefonia etc.	4
	10 principais produtos	93,33	10 principais produtos	31,62
2010	Soja	71	Partes exclusivas/destinadas a aparelhos emissores	69
	Óleos brutos de petróleo	11	Aparelhos elétricos para telefonia ou telegrafia	5
	Óleo de soja e fracções	4	Partes e acessórios destinados às máquinas de escritório	5
	10 principais produtos	94,12	10 principais produtos	30,51
2000	Soja	67	Partes e acessórios destinados às máquinas de escritório	64
	Couros e peles curtidos	9	Coques e semicoques de hulha	6
	Derivados sólidos de óleo de soja	7	Partes exclusivas/destinadas a aparelhos emissores	5
	10 principais produtos	95,4	10 principais produtos	35,68

Fonte: WITS (World Integrated Trade Solutions), WorldBank. Elaboração própria, a partir dos dados brutos

O Chile, igualmente, exportou essencialmente produtos primários (alimentos e minerais) para a China, entre 2000 e 2020 (Tabela 6), com um papel muito significativo do cobre (na forma de minérios ou ligas de cobre), responsável por 80% das exportações chilenas para aquele país em 2020. Percebe-se também uma pauta exportadora concentrada, pois os 10 principais produtos foram responsáveis por 96,64% do valor exportado em 2020. No que tange às importações, o mesmo padrão detectado para Argentina e Brasil se verifica, baseadas em produtos manufaturados.

Tabela 6. Chile– China, exportações e importações.

	Exportações	% Participação no total	Importações	% Participação no total
2020	Minérios de cobre e concentrados	46	Aparelhos emissores para radiotelefonia etc.	66
	Cobre afinado e ligas de cobre	24	Máquinas automáticas para processamento de dados	9
	Damascos, cerejas, pêssegos e outras	6	Motores e geradores elétricos	5
	10 principais produtos	93,92	10 principais produtos	34,3
2010	Cobre afinado e ligas de cobre	58	Máquinas automáticas para processamento de dados	69
	Minérios de cobre e concentrados	22	Aparelhos emissores para radiotelefonia etc.	7
	Minérios de ferro e concentrados	4	Aparelhos elétricos para telefonia ou telegrafia por fios	7
	10 principais produtos	96,64	10 principais produtos	31,3
2000	Cobre afinado e ligas de cobre	42	Outros brinquedos e modelos para divertimento	63
	Minérios de cobre e concentrados	30	Calçados com sola de borracha, plástico e couro	5
	Partes químicas de madeira	15	Camisolas e pulôveres, cardigans, coletes etc.	5
	10 principais produtos	95,64	10 principais produtos	36,84

Fonte: WITS (World Integrated Trade Solutions), WorldBank. Elaboração própria, a partir dos dados brutos

O caso do México, por sua vez, apresenta diferenças em relação ao verificado para os outros países, pois a pauta exportadora para a China (Tabela 7), ao mesmo tempo que foi baseada em produtos minerais (cobre e petróleo), também foi composta por manufaturados (por exemplo: componentes de veículos automotores, automóveis, aparelhos para telefonia, para o ano de 2020). Além disso, a pauta exportadora do México para a China é menos concentrada (os 10 principais produtos representaram 68,37% do total exportado em 2020). Essa diferença em relação ao resto da América Latina se explica pelo fato de o México, por conta da experiência das *maquiladoras*, ter mantido um padrão industrial baseado na montagem de produtos finais,³

³ Tanto Salama (2020) quanto Palma (2019) discutem essa experiência mexicana, baseada na *maquiladora* de exportação. Para Salama (2020), no México ocorrem simultaneamente dois processos: desindustrialização da indústria voltada para o

embora, como visto na seção anterior, no cômputo total das exportações mexicanas para o mundo, ainda haja o predomínio de produtos primários. De qualquer forma, o padrão importador é o mesmo dos demais países: importação de produtos manufaturados.

Tabela 7. México – China, exportações e importações.

	Exportações	% Participação no total	Importações	% Participação no total
2020	Minérios de cobre e concentrados	51	Partes e acessórios destinadas às máquinas de escritório	16
	Partes e acessórios de automóveis	15	Máquinas automáticas para processamento de dados	14
	Minérios de chumbo e concentrados	9	Aparelhos elétricos para telefonia/telegrafia	12
	10 principais produtos	68,37	10 principais produtos	43,61
2010	Óleos brutos de petróleo	23	Partes exclusivas destinadas a aparelhos emissores	19
	Minérios de cobre e concentrados	19	Partes e acessórios destinados às máquinas de escritório	16
	Automóveis de passeio e outros veículos	18	Máquinas automáticas para processamento de dados	16
	10 principais produtos	75,27	10 principais produtos	55,44
2000	Partes e acessórios para máquinas de escritório	62	Aparelhos receptores para radiotelegrafia/radiotelegrafia	17
	Partes destinadas a motores	6	Transformadores elétricos, conversores elétricos etc.	15
	Pedaços e resíduos de cobre	6	Outros brinquedos e modelos para divertimento	14
	10 principais produtos	82,44	10 principais produtos	36,71

Fonte: WITS (World Integrated Trade Solutions), WorldBank. Elaboração própria, a partir dos dados brutos

mercado interno e industrialização da indústria exportadora de montagem, que não tem efeito positivo na geração de um tecido industrial dinâmico o que, nas palavras de Palma (2019) se relaciona com o alto conteúdo de insumos importados, o que diferencia o México da experiência dos países asiáticos que utilizaram a mesma estratégia de industrialização pois estes conseguiram reduzir substancialmente as importações de insumos industriais via políticas industriais e comerciais.

Outros estudos apresentaram as mesmas conclusões. Utilizando dados para o período 2001-2016, Santos, Camoça e Rodrigues (2020) mostraram a grande divergência entre os produtos exportados da China para a América Latina e Caribe e os produtos importados. Os cinco produtos mais exportados pela a China para a região foram: aparelhos telefônicos (inclui telefones para redes celulares ou para outras redes sem fio; dispositivos de cristais líquidos; máquinas automáticas para processamento de dados e suas unidades, leitores magnéticos ou ópticos, máquinas; peças e acessórios para tratores e veículos a motor para o transporte de dez pessoas ou mais; monitores e projetores que não incorporem aparelhos de recepção de televisão, aparatos de recepção. Já os cinco produtos mais importados pela China foram os seguintes: soja, seja ou não triturada; minérios e concentrados de ferro, incluindo pirites de ferro torrado; petróleo e óleos obtidos de metais betuminosos; minérios e concentrados de cobre; cobre refinado e ligas de cobre em formas brutas.

Santos, Camoça e Rodrigues (2020) ainda constataram que

...na contramão do que ocorre com o caso das exportações chinesas para a América Latina, as exportações da América Latina e Caribe para a China vêm reduzindo seu conteúdo tecnológico no período analisado [2001-2016], (...) levantando um debate regional a cerca da desindustrialização dos países da América Latina e da reprimarização de sua pauta exportadora (p. 116).

A reprimarização da pauta exportadora tornou-se evidente nas duas primeiras décadas do Século XXI, mas é necessário aqui lembrar que as exportações baseadas em produtos naturais têm sido dominantes na América Latina, sendo esta uma característica estrutural da região (Bértola, Ocampo, 2019). Produtos industrializados tiveram maior relevância nas exportações de países como o Brasil por um período pequeno (grosso modo, de 1975 a 2000). O que queremos enfatizar aqui é que essa reprimarização das duas últimas décadas parece estar associada a um forte movimento de desindustrialização, reforçando ainda mais o padrão histórico primário-exportador, que vem sendo chamado de *neoxtrativista*.

Sobre esse processo de desindustrialização, que vem sendo chamado por alguns autores como “desindustrialização prematura”, Fuenzalida-O’Shee e Valenzuela-Klagges (2019), argumentaram que “América Latina se caracteriza por la desindustrialización de sus exportaciones, la baja actualización tecnológica del sector productivo y la especialización en materias primas que ofrecen limitadas posibilidades de diversificación, lo que ha provocado un insignificante desempeño económico y exportador en la última década” (p. 129). Para as autoras, o extrativismo e o neoxtrativismo na América do Sul são uma realidade presente nos territórios da região, “compite con las economías regionales existentes y las desplaza, destruye la biodiversidad, acapara las tierras y expulsa comunidades rurales” (2019, p. 129).

O estudo de Afonso, Andrade Bastos e Perobelli (2021), por sua vez, propôs uma abordagem empírica, usando o enfoque do equilíbrio geral computável, simulando o efeito do crescimento a economia chinesa mediante a expansão de sua massa de capital em 10%, para avaliar o impacto do crescimento da economia da China na produção setorial, nas exportações e importações e na variação do bem-estar dos países latino-americanos e da própria China. Os resultados da investigação foram os seguintes:

La mayoría de los países latino-americanos exporta productos primarios y productos de baja intensidad tecnológica a China. Por el contrario, las exportaciones chinas a América Latina consisten en productos ligados a sectores industriales, como los sectores de alta y media tecnología, además de manufacturas de baja intensidad tecnológica y bajo costo.

Los efectos de la simulación del crecimiento chino en los países latino-americanos analizados se traducen en la disminución de la producción industrial y el aumento de la producción de productos primarios y del sector de servicios.

[...] El panorama general en América Latina es preocupante pues, si bien la Asociación entre China y la región aumentó el bienestar general de estas economías en la década de 2000 (gracias al auge de los precios de los productos básicos), se observan indicios de desindustrialización de los países latino-americanos, que se refleja en la reducción de la participación de la producción industrial y el aumento de la producción del sector de servicios y del sector exportador de bienes primarios. (Afonso, Andrade Bastos e Perobelli, 2021, pp. 174-5).

Pérez-Santillán (2023) analisou a relação comercial da América Latina com a China, realizando uma decomposição estrutural com base nas matrizes de insumo-produto do Banco Asiático de Desenvolvimento para 2007-2017. Os resultados, com relação ao papel das exportações e importações na relação comercial entre América Latina e China refletem uma região heterogênea:

la mayor parte de los países de Sudamérica que registran efectos netos positivos en tal relación se ubica en un patrón de inserción del tipo ‘centro-periferia’ neoextractivista, mientras el modelo de tipo ‘centro-semiperiferia’, con México como principal representante, refleja exportaciones concentradas en sectores manufactureros, y estos sectores reúnen o aportan un porcentaje similar del efecto negativo de la sustitución de importaciones desde China” (p. 856).

Como dito anteriormente, é a economia política internacional da China o fator determinante dessa dinâmica primário-exportadora da América Latina no Século XXI. Como destacado por Rocha e Bielschowsky (2018), petróleo, ferro, cobre e soja representavam mais e 70% das importações chinesas oriundas a América Latina naquele ano, o que mostra o papel importante da região da América Latina como provedora de produtos primários para aquele país. Mesmo chamando a atenção para o caráter empírico do artigo em questão, os autores não deixam de fazer uma reflexão mais analítica:

El estudio fue motivado por la percepción de que la actual inserción de China en AL refleja una nueva tendencia histórica que afecta las estructuras productivas de la región, fortaleciendo el modelo exportador basado en bienes primarios y, en particular, por la percepción de que esa inserción se relaciona con un nuevo tipo de relaciones entre el centro y la periferia, al cual la región parece estar cada vez más subordinada, que incluye a China como nuevo ‘eslabón’ de la dependencia de las economías centrales (p. 10).

Esse neoextrativismo é qualificado por Calderón e Castells (2021) como “extrativismo informacional” que, para os autores, “trata-se fundamentalmente de uma nova dinâmica capitalista baseada numa dinâmica tecnoeconômica que funciona em redes e núcleos globais de produção, comercialização e gestão financeira do produto extraído” (p. 60-1). Calderón e Castells, por conta disso, utilizam as metáforas “cobre informacional”, “gás informacional”, “soja informacional” e até mesmo “cocaína informacional” pois a produção “se assenta em múltiplas cadeias de valor que vão desde a exploração e prospecção dos recursos naturais, com a incorporação dos avanços da ciência e de tecnologias em especialidades muito dinâmicas e particulares, até as redes globais de comercialização e financiamento” (2021, p.60-1). O fato a ser destacado aqui é que o controle dessas cadeias produtivas é exógeno às regiões da América Latina, o que indica o controle externo, ao fim e ao cabo, sobre os recursos naturais da região.⁴

E não se trata de pensar que a abundância de recursos naturais é uma maldição, como bem colocado por Martín (2021), pois “la maldición de los recursos no es un resultado inexorable en los países que disponen de ellos en abundancia. Lo decisivo son las estructuras económicas, sociales y políticas que se construyen durante su apropiación y explotación” (Bértola, 2015, p. 268). Isso é importante ser frisado porque, como apontado por Palma (2019), vários países nórdicos e também do sudeste da Ásia ricos em recursos naturais mostram que, “los países que exportan productos básicos (y servicios) tienen suficiente grado de libertad para desarrollar también una agenda protoindustrialización [...] que lleve al sector manufacturero, en términos de tamaño relativo, a un nivel más típico de país manufacturero” (p. 934).

Para Palma (2019), aliás, o que ocorreu e ocorre na América Latina foi e é essencialmente uma escolha econômica radical, de mudança institucional, em prejuízo da manufatura:

El cambio radical del régimen de política económica (implementado sobre todo tras la crisis de la deuda de 1982) significó el final de las políticas industriales y comerciales tradicionales y generó cambios en los precios relativos, en el acceso a las finanzas internacionales, en los tipos de cambio reales, en el marco institucional de las economías, en el rol del Estado, en la estructura de los derechos de propiedad y en los incentivos de mercado en general que fueron extremadamente dañinos (y nocivos) para la manufactura. Este cambio implicó el abandono de la agenda proindustrialización, haciendo que estos países retornaran a su posición ricardiana natural (o ricardiana pasiva), de la cual llevaban más de medio siglo luchando por salir; es decir, retornaron a una posición asociada con sus ventajas comparativas estáticas (tradicionales o naturales), correspondientes a su dotación abundante de recursos primarios (Palma, 2019, p. 957).

A trilha seguida pela América Latina, segundo Palma (2019), foi a da desindustrialização precoce:

La desindustrialización reciente de muchos países en América Latina, a diferencia de la de los Países Bajos y el Reino Unido, no fue provocada por el descubrimiento de recursos naturales o por el desarrollo de un sector exportador de servicios. Esta desindustrialización – con um flerte componente de síndrome holandês – fue inducida en su agenda ISI. Básicamente, fue el

⁴ Os autores apresentam três estudos de caso: o lítio em Jujuy, na Argentina; a soja em Carlos Casares, no pampa úmido da província de Buenos Aires e os hidrocarbonos não convencionais em Vaca Muerta, também na Argentina. Para além das formas distintas de relacionamento das territorialidades citadas com as empresas/capital externo, o que importa registrar é a penetração desse capital externo nos territórios latino-americanos.

resultado de un drástico proceso de liberalización comercial y financiera, en un contexto de rápido cambio institucional, que llevó a una abrupta reversión de su proceso de industrialización (previamente liderado por el Estado) (Palma, 2019, p. 925).

Portanto, as reformas econômicas na América Latina, implantadas sob o signo das políticas de ajuste e reestruturação em meados dos anos 1980 em diante, também são fatores importantes a serem considerados quando pensamos na desindustrialização na região, e na opção pela estratégia neoextrativista do século XXI. É nesse contexto que esse autor descreve o modelo “extrativo dual” da América Latina: “el nuevo modelo de desarrollo que emergió en la región se ha caracterizado por crear una asimetría sectorial extrema, donde un sector (el primario) pasó a ser el único que generaba crecimiento de la productividad, mientras que otro (servicios y construcción) era lo que proveía empleo” (Palma, 2022, p. 957). Palma define esse modelo como “extrativo dual”. Extrativo porque é o setor primário que impulsiona a produtividade. E é dual porque cada grande setor é capaz de proporcionar ou emprego ou produtividade, mas nenhum setor é capaz de proporcionar incrementos nessas duas variáveis ao mesmo tempo.

O caminho que está sendo seguido, até o momento, pode ser sintetizado no par reprimarização – desindustrialização, ainda que este fenômeno da desindustrialização não seja um processo linear em toda a região da América Latina (Salama, 2020). Este autor analisou os casos do México, da Argentina e do Brasil e constatou algumas diferenças entre eles:

En México la desindustrialización concierne a las empresas orientadas a satisfacer la demanda interna. Por el contrario, los bienes industriales están creciendo a medida que se intensifica la demanda de los Estados Unidos y Canadá. Por lo tanto, hay un doble proceso: desindustrialización e industrialización. Existe una clara separación entre los mercados internos y externos, porque no hay ningún vínculo entre ambos, excepto en parte para el sector de vehículos de motor. En Argentina los dos procesos, desindustrialización y industrialización, no han sido concomitantes. La desindustrialización es más extensa que en otros países, pero a uma fase de desindustrialización le siguió una relativamente breve de reindustrialización cuando se superó la crisis del Plan de Convertibilidad a principios del decenio de 2000, y luego vino una fase de desindustrialización nuevamente. En Brasil, la desindustrialización es irregular: relativamente pronunciada de 1985 a 1996, Después de ralentizó y luego aumentó otra vez, pero em forma más atenuada. (Salama, 2020, p. 1108).

Outro aspecto a ser mencionado é que parece estar ocorrendo na América Latina a primarização da pauta primário-exportadora. Explicando melhor: sequer o beneficiamento de produtos naturais, que agrega valor, tem sido priorizado nesses últimos anos de predomínio do neoextrativismo. Aqui o fator China tem que ser considerado, porque aquele país tem preferência pela compra de cobre não processado, por exemplo, no caso das exportações chilenas. O que interessa à China é processar os recursos naturais em seu próprio território (Palma, 2022). Outro exemplo pode ser dado a respeito do Brasil, cujo governo, em 2019, emitiu um

decreto autorizando a exportação de madeira *in natura*. Ou seja, voltou-se a exportar o que foi nosso primeiro produto de exportação há 500 anos (pau-brasil).⁵

Em resumo, com a exceção do México e da Costa Rica,⁶ temos um padrão de especialização produtiva em vigência nas relações comerciais entre América Latina e China, baseado na exportação de produtos primários (alimentos e minerais, na maior parte sem processamento prévio) e na importação de produtos manufaturados (inclusive de média e alta tecnologia). Esse padrão é idêntico àquele já exaustivamente criticado pelo estruturalismo latino-americano, em particular por Prebisch (2022). Em outras palavras, o que a conjuntura das primeiras décadas do século XXI tem demonstrado, através das relações comerciais e também dos IED (investimentos externos diretos) da China na região, que estamos diante do mesmo padrão histórico de relacionamento centro – periferia. Muito distantes, portanto, de uma situação nova em termos de possibilidades de promoção de uma mudança qualitativa no padrão produtivo da América Latina.

A posição da América Latina na economia-mundo capitalista e a dificuldade de integração regional: uma breve nota

Como observado anteriormente, os dados e relatos disponíveis sugerem que existe efetivamente uma maior presença econômica chinesa nos países da América Latina, o que realmente causou impactos significativos nos fluxos comerciais entre esses países e a China. Os dados sugerem uma maior conexão econômica de vários da América Latina com a China, especificamente a partir dos anos 2000, sendo essa conexão definida pela dinâmica econômica chinesa, que, como já mencionado, produziu um boom das commodities, favorecendo comercialmente setores exportadores dos países da região. Para finalizarmos nossa discussão, cabe refletir se essa proeminência chinesa pode significar uma mudança no posicionamento dos Estados latino-americanos na hierarquia da riqueza e poder mundiais. Em outras palavras, resta saber se o incremento das relações comerciais com a China e mesmo da presença maior de empresas e investimentos chineses na América Latina podem induzir mudanças estruturais na região, que em seu conjunto pertence à (semi)periferia da economia – mundo capitalista.

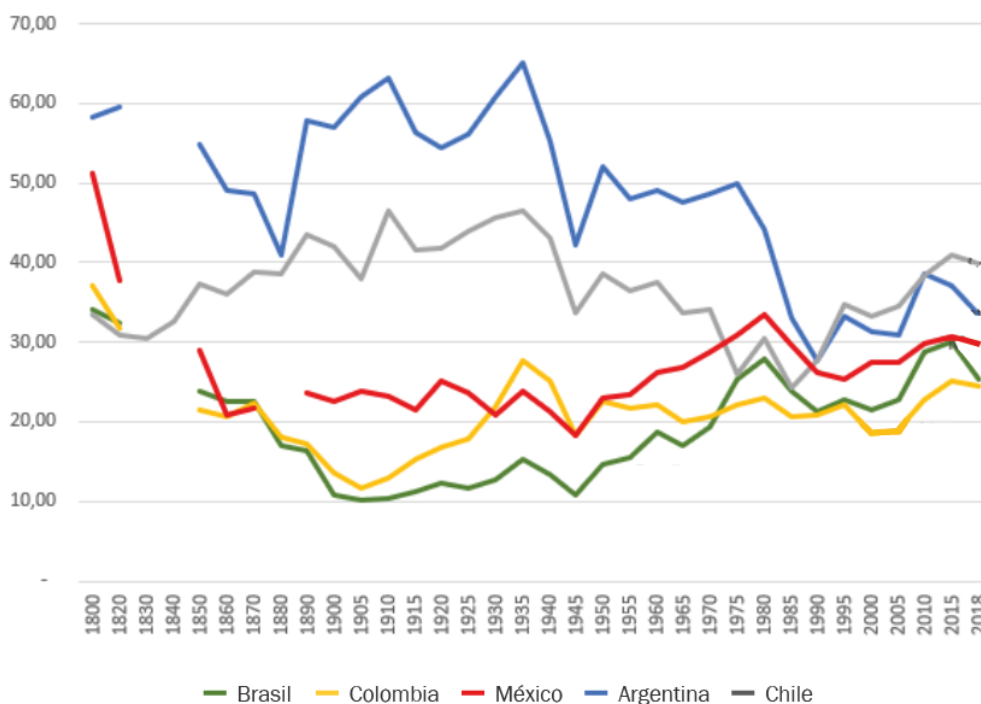
A Figura 1 mostra a evolução do PIB per capita da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México, entre 1800 e 2018, em relação ao PIB per capita dos EUA (% do PIB per capita dos EUA).⁷ Esses dados fornecem subsídios para uma reflexão mais histórica a respeito do posicionamento desses Estados na economia-mundo capitalista.

⁵ Para uma discussão sobre o processo de desindustrialização no Brasil, ver: Oreiro e Feijó (2010); IEDI (2022); Araújo e Feijó (2024).

⁶ Afonso, Andrade Bastos e Perobelli (2021) mostraram que a maior parte das exportações da Costa Rica para a China procede do setor industrial de alta tecnologia.

⁷ Dados do PIB per capita para todos os países da América do Sul, México, China, Coreia do Sul e Japão, em relação ao PIB per capita dos EUA, encontram-se no Anexo V.

Figura 1. PIB per capita de países selecionados da América Latina em Relação ao PIB per capita dos EUA. (% do PIB/per capita dos EUA), 1800-2018.

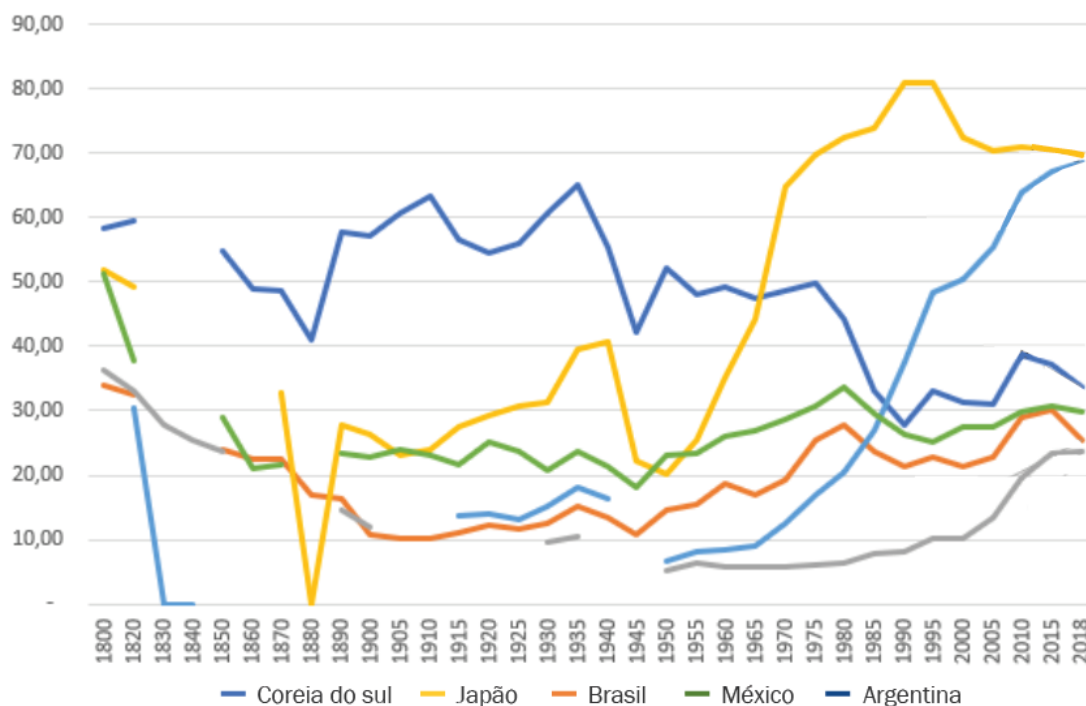


Fonte: BOLT, Jutta and Jan Luiten van Zanden. Maddison style estimates of the evolution of the world economy: a new 2023 uptade. In: Journal of Economic Surveys, 2024, p. 1-41. Elaboração própria, a partir dos dados brutos.

É notório o declínio secular da Argentina, que tinha alcançado em 1935 um PIB per capita de 65,03% do PIB per capita dos EUA. Desde então, assistimos uma trajetória declinante, chegando ao ponto mais baixo em 1990 (27,73% do PIB per capita dos EUA). A recuperação do indicador, chegando ao seu máximo em 2010 (38,52%), sequer recupera a condição em que a Argentina estava em 1980 (44,17% do PIB per capita dos EUA). O caso brasileiro deve também chama a atenção, pois evidencia uma trajetória ascendente entre 1945 e 1980 (período de auge da industrialização por substituição de importações brasileira), quando o Brasil alcança 27,86% do PIB per capita dos EUA. A trajetória é declinante nas décadas de 1980 e 1990 (em 2000 o indicador foi de 21,43% do PIB per capita dos EUA) e ascendente entre 2000 e 2018, alcançando o valor máximo de 30,09% do PIB per capita em 2015, mas caindo para 25,36% em 2018. Portanto, voltando a um patamar ligeiramente inferior ao de 1980. A temporalidade chilena é um pouco distinta, pois seu valor máximo das últimas décadas, alcançado em 2015 (41,05% do PIB per capita dos EUA), simplesmente recoloca o país no patamar alcançado na década de 1930 (46,6% do PIB per capita dos EUA em 1935). O mesmo raciocínio podemos estender ao caso da Colômbia, que no século XX teve sua aproximação máxima com os EUA em 1935 (quando logrou um indicador de 27,61% do PIB per capita dos EUA), superior ao valor de 25,13% obtido em 2015. No caso do México, o padrão é parecido com os da Argentina e Brasil: seu valor máximo, no século XX, foi de 33,53% do PIB dos EUA em 1980, e depois o maior valor atingido foi de 30,61% em 2015. Portanto, parece que o período que objeto de nossa investigação aqui (as primeiras décadas do atual século), com o crescimento econômico atrelado ao boom das commodities, não significou, ainda, uma recuperação no sentido de avanço econômico (avanço em relação ao centro), mas apenas de retorno ao ponto no qual os países se encontravam antes ou no início da década de 1980 (a “década perdida”).

A Figura 2, que mostra as trajetórias da China, da Coreia do Sul e do Japão em relação aos EUA, para o mesmo indicador, e ilustra a trajetória de aproximação dos primeiros países, no sentido de aproximação em relação ao núcleo orgânico em termos de renda per capita, e o significativo esforço empreendido pela China desde 1980, com o crescimento do seu PIB per capita que, dada a magnitude populacional daquele país, ainda não logrou se equiparar ao padrão de vida médio dos EUA. De qualquer forma, é evidente o contraste daquela região em relação à América Latina, dado que o Leste Asiático, tendo alcançado um “emparelhamento” em relação ao centro com Japão e Coreia do Sul, continua sua trajetória de desenvolvimento econômico, com a continuidade do processo em âmbito regional, agora sob centralidade chinesa (Arrighi, 2008).

Figura 2. PIB per capita de países do Leste Asiático e da América Latina selecionados em relação ao PIB per capita dos EUA, 1800-2018 (em % do PIB per capita dos EUA).



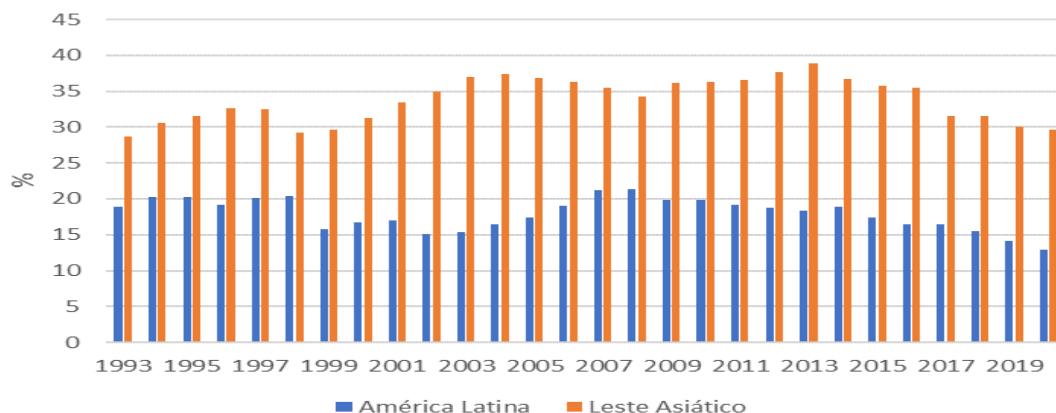
Fonte: BOLT, Jutta and Jan Luiten van Zanden. Maddison style estimates of the evolution of the world economy: a new 2023 update. In: Journal of Economic Surveys, 2024, p. 1-41.

A questão é que parte do sucesso econômico da região do leste-asiático pode ser creditada à maior integração produtiva e comercial entre aqueles países. Isso se relaciona com a própria história, dado que desde há pelo menos 500 anos no Leste Asiático se configuraram relações econômico-produtivas de tal magnitude que levaram Arrighi, Hamashita e Selden (2003) a argumentarem que se trata de uma região-mundo, delimitada espacialmente. Esse conceito implica que essa região é uma entidade relativamente autônoma, englobando uma multiplicidade de interações materiais, culturais e políticas. Esses autores entendem que podemos distinguir três fases do processo de regionalização do Leste da Ásia: uma de 500 anos, durante a qual predominou o sistema sinocêntrico de comércio e tributos; outra entre 1820 e 1945, na qual sobressaíram as interações entre os países da região como resultado da incorporação dos mesmos à economia-mundo capitalista, com o enfraquecimento (mas não eliminação) dos

vínculos aqueles países; e a fase posterior a 1945, quando a integração regional volta a se fortalecer, na esteira da ascensão do Japão, seguida pela Coreia do Sul e, mais recentemente da China, nos processos de acumulação de capital (e poder).

Com relação à América Latina, desde sua origem *extrovertida*, isto é, com suas entidades políticas conectadas com suas metrópoles, através do exclusivismo metropolitano, a tônica foi a pouca conexão e articulação econômico-produtiva interna, que permanece até os dias de hoje, apesar dos esforços de integração regional,⁸ como mostra a Figura 3, abaixo.

Figura 3. Participação relativa do comércio intrarregional no total das exportações da região: 1993-2020.



Fonte: UNCTAD Comtrade. Elaboração própria.

Como é sabido, nas últimas décadas Argentina e Brasil, em particular, fortaleceram a relação comercial, a ponto de o Brasil ser o terceiro parceiro comercial da Argentina (ficando atrás dos EUA e da China). Do ponto de vista da integração econômico-produtiva, sobressaiu-se o setor automobilístico que é, entretanto, multinacional. Ou seja, trata-se de uma iniciativa de integração na cadeia de valor em um setor que não é controlado/dominado por empresas de nenhum dos dois países, sendo mais um exemplo do modelo implantado na região há quase cem anos: industrialização com presença significativa de empresas multinacionais.

Nesse sentido, a maior conexão econômica entre os países da América Latina e a China, desde o começo dos anos 2000, pelas características já apresentadas (na maior parte dos países uma especialização produtiva em produtos agrícolas e minerais, associada à desindustrialização), parece-nos indicar poucas possibilidades de produzir mudança no cenário atual, do ponto de vista de uma transformação produtiva no sentido de os países latino-americanos passarem para atividades de manufatura e serviços mais complexas. Portanto, o cenário é de reprodução do mesmo padrão histórico, caracterizado como centro – periferia, desta vez tendo a China como centro nessa relação. Por isso, como muito bem salientado por Barbosa (2020):

“...a própria noção de uma economia latino-americana, tal como exposta por Furtado nos anos 1960, deixa de fazer sentido. A integração regional, que seria um dos alicerces para a reestruturação da inserção na economia internacional, transformando a América Latina numa exportadora de produtos industriais, simplesmente não vingou” (p. 161).

⁸ Para uma discussão sobre a crise do regionalismo latino-americano, ver Santos-Carrillo (2023); Arroyo (2017); Eder (2019).

Considerações finais

A economia-mundo capitalista se fundamenta em estruturas de longa duração, como a desigualdade, a polarização e a hierarquia no sistema interestatal. Esta última deve ser entendida como uma distribuição desigual da riqueza e do poder mundiais. Ou seja, com a existência de um padrão centro – semiperiferia – periferia. As Américas, e aqui em particular a América Latina, desde cedo foi peça fundamental para o surgimento e mesmo expansão espacial ao capitalismo histórico, constituindo-se como periferia do sistema (e semi-periferia, para alguns países da região nas últimas décadas).

Diferentemente da trajetória dos países do leste asiático, que há muito funcionam como uma *região-mundo*, na América Latina nunca se conseguiu avançar na direção da integração econômico-produtiva, dado o passado colonial e a supremacia dos vínculos externos em relação às interdependências regionais. Nos dois últimos séculos, em linhas gerais, passou-se da hegemonia britânica na região (Século XIX) à hegemonia dos Estados Unidos (século XX). Nas primeiras décadas do Século XXI temos assistido uma maior conexão econômica dos países da América Latina com a China, ao ponto de esta se tornar, para muitos deles, o principal parceiro comercial, superando até mesmo os EUA.

Como vimos, essa maior conexão tem significado uma reprimarização da pauta exportadora, inclusive e em particular em países com diversidade industrial, o Brasil. Aliás, esse país enfrenta um acentuado processo de desindustrialização precoce. De modo geral, o modelo primário-exportador, característica de longa duração da história econômica da região, tem se reforçado por conta da maior conexão com a China, sendo esse país o principal responsável pelo *boom das commodities* das duas primeiras décadas desse século. O fato é que estão em curso processos combinados de desindustrialização e neoextrativismo. Este último, embora tenha significado um incremento das receitas exportadoras de vários países da América Latina, especificamente na América do Sul, reforça aquilo que fora criticado pelo estruturalismo latino-americano no passado e, ao mesmo tempo, implica no declínio de vários processos de industrialização, que foram implantados na região com a industrialização dirigida pelo Estado, para usar os termos de Bértola e Ocampo (2019).

Por fim, como mencionado anteriormente, os bons resultados em termos de crescimento econômico conjuntural no período 2000-2020, aqui exemplificado pela expansão das exportações daquelas economias dotadas de recursos estratégicos demandados pela China, apenas recolocaram esses países exatamente onde se encontravam há quarenta anos atrás, em termos de equiparação ao centro (aqui traduzida na evolução percentual do PIB per capita em relação ao PIB per capita dos Estados Unidos), no caso da Argentina, Brasil e México. Como argumentamos em outra ocasião (Ouriques, 2019), é improvável, com a predominância desse modelo exportador baseado em produtos naturais e minerais, que a associação maior com a China signifique uma mudança estrutural no posicionamento dos países da região, tendo em vista as características fundamentais da economia-mundo capitalista, o desenvolvimento geograficamente desigual e a polarização. O mais provável, nesse contexto, é a ampliação do fosso que separa a região do centro em termos de riqueza e poder mundiais.

Referências Bibliográficas

- **Afonso, D. L., Bastos, S. Q. A., & Perobelli, F. S. (2021).** América Latina y China: ¿beneficio mutuo o dependencia? *Revista de la CEPAL*, 135, 159-176.
- **Araújo, E., & Feijó, C. (2024).** *Industrialização e desindustrialização no Brasil: teorias, evidências e implicações de política*. Curitiba: Appris.
- **Arrighi, G. (2008).** *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo.
- **Arrighi, G., Hamashita, T., & Seldon, M. (Eds.). (2003).** *The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 year perspectives*. London: Routledge.
- **Arroyo, M. (2017).** A América Latina numa encruzilhada: ocaso do projeto de integração? *Geo-Textos*, 13(1), 13-28.
- **Barbosa, A. F. (2020).** A ascensão chinesa, as transformações da economia-mundo capitalista e os impactos sobre os padrões de comércio da América Latina. *Revista Tempo do Mundo*, 24, 135-174.
- **Bértola, L. (2015).** Patrones de desarrollo y estados de bienestar en América Latina. In BÁRCENA, & A. Prado (Eds.), *Neoestructuralismo y corrientes heterodoxas en América Latina y Caribe a inicios del siglo XXI* (pp. 261-295). Santiago de Chile: CEPAL.
- **Bértola, L., & Ocampo, J. A. (2019).** *O desenvolvimento econômico da América Latina desde a independência*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- **Bolt, J., & van Zanden, J. L. (2024).** Maddison style estimates of the evolution of the world economy: a new 2023 update. *Journal of Economic Surveys*, 1-41.
- **Calderón, F., & Castells, M. (2021).** *A nova América Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- **Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC). (2022, agosto 31).** Investimentos Chineses no Brasil: 2021, um ano de retomada. Disponível em: <https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/>. Acesso em 27/03/2023.
- **Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC). (2021, agosto 5).** Investimentos Chineses no Brasil: Histórico, tendências e desafios globais (2007-2020). Disponível em: <https://www.cebc.org.br/2021/08/05/investimentos-chineses-no-brasil-historico-tendencias-e-desafios-globais-2007-2020/>. Acesso em 02/06/2022.
- **China Global Investment Tracker.** Disponível em: www.aei.org
- **Cumings, B. (1984).** The origins and development of the Northeast Asian Political Economy: industrial sectors, product cycles and political consequences. *International Organization*, 38(1), 1-40.
- **Eder, J. (2019).** Integración regional y políticas de industrialización en América Latina: la historia de un amor conflictivo. *Revista de Estudios Sociales*, 68, abril-junio, 38-50.
- **Fuenzalida-O'Shee, D., & Valenzuela-Klagges, B. (2019).** Extractivismos versus exportaciones de manufacturas en Sudamérica: un desafío pendiente. *El Trimestre Económico*, 86 (1), 127-144.
- **Hendler, B., & Rodrigues, B. S. (2018).** Investimento externo chinês na América Latina e no Sudeste Asiático: uma análise de escopo, valores e setores-alvo. *Estudos Internacionais*, 6 (3), 5-25.
- **Instituto de Estudos do Desenvolvimento Industrial (IEDI). (2022).** *Novo retrocesso do Brasil na indústria mundial* (21 p.). São Paulo.
- **United Nations. (2023).** *International Trade Statistics Yearbook 2022: Volume 1, Trade by Country* (392 p.). New York.
- **Martín, R. D. (2021).** América Latina y la maldición de los recursos: el debate en la larga duración. *El Trimestre Económico*, 88 (3), 769-806.

- **Ouriques, H. R. (2019).** As relações econômicas entre América Latina e China: uma perspectiva sistêmica. In T. Gu (Ed.), *Opiniões de acadêmicos brasileiros sobre a China* (pp. 51-94). Porto Alegre: Editora da UFRGS/Instituto Confúcio.
- **Ouriques, H. R., & Ersina, M. C. P. (2023).** A geoeconomia da presença chinesa no Brasil através dos Investimentos Externos Diretos: o caso do setor de energia elétrica (2000-2022). *Revista de Geopolítica*, 14 (1), 1-17.
- **Oreiro, J. L., & Feijó, C. A. (2010).** Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. *Revista de Economia Política*, 30 (2), 219-232.
- **Palma, J. G. (2019).** Desindustrialización, desindustrialización “prematura” y “síndrome holandés”. *El Trimestre Económico*, 86(4), 901-966.
- **Palma, J. G. (2022).** Latinoamérica es la región con el menor crecimiento de la productividad en el mundo desde las reformas neoliberales. La nueva trampa del ingreso medio: rentas fáciles no generan precisamente élites schumpeterianas. *El Trimestre Económico*, 89 (3), 943-977.
- **Pautasso, D., et al. (2020).** A iniciativa do cinturão e rota e os dilemas da América Latina. *Revista Tempo do Mundo*, 24, 77-106.
- **Pérez-Santillán, L. (2023).** Relación comercial con China e implicaciones en las estructuras productivas de América Latina. *El Trimestre Económico*, 90 (3), 827-864.
- **Prebish, R. (2022).** La periferia latino-americana en el sistema global del capitalismo. *El Trimestre Económico*, 89 (1), 371-385.
- **Puty, C., Jia, L., & Barros, P. S. (2020).** O tempo da China no novo mundo: desafios para a América Latina. *Tempo do Mundo*, IPEA, 24, 5-12.
- **Rocha, F. F., & Bielschowsky, R. (2018).** La búsqueda de China de recursos naturales en América Latina. *Revista de la CEPAL*, 126, 9-29.
- **Salama, P. (2020).** ¿Por qué los países latinoamericanos sufren un estancamiento económico de largo plazo? Un estudio a partir de los casos de Argentina, Brasil y México. *El Trimestre Económico*, 87(4), 1083-1132.
- **Santos-Carrillo, F. (2023).** Las tres crisis del regionalismo latinoamericano contemporáneo: factores causales más allá de la falta de voluntad política. *Colombia Internacional*, 114, 217-245.
- **Santos, T., Camoça, A., & Rodrigues, B. S. (2020).** Relações econômicas entre América Latina e Caribe e China e seus impactos na integração regional (2000-2016). *Revista Tempo do Mundo*, 24, 107-135.
- **So, A., & Chiu, S. W. K. (1995).** *East Asia and the World Economy*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- **UNCTAD.** Available at www.unctad.org/statistics
- **Vieira, P. A., Ouriques, H. R., & Pádua dos Santos, F. (2023).** Trajetórias divergentes: a América Latina e o Leste Asiático na economia-mundo capitalista. *Colombia Internacional*, 113, 23-59.
- **WITS – World Integrated Trade Solution.** Available at www.wits.worldbank.org. Accessed in February 2024.

Anexo – PIB per capita dos países da América do Sul, México, China, Coréia do Sul e Japão em relação ao PIB per capita dos EUA, 1990-2018 (em % do PIB per capita dos EUA).

	ARG	BOL	BRA	CHL	COL	ECU	MEX	PER	PRY	URY	VEN	CHN	KOR	JPN
1900	57,02	18,19	10,87	42,12	13,55	13,66	22,67	13,49		42,14	22,97	12,09		26,42
1905	60,79	16,56	10,14	38,04	11,64	13,3	23,87	15,1		37,13	19,82			23,15
1910	63,21	17,79	10,27	46,54	12,89	14,31	23,24	16,23		46,7	17,37			24,04
1915	56,43	19,62	11,22	41,61	15,35	17,1	21,58	18,91		38,54	22,04		13,76	27,41
1920	54,53	19,03	12,23	41,84	16,81	16,55	25,14	19,25		35,26	18,74		14,07	29,29
1925	56,03	19,23	11,64	43,97	17,94	15,83	23,68	22,02		37,74	20,53		13,18	30,62
1930	60,8	21,33	12,62	45,59	21,97	18,41	20,88	24,79		55,63	27,33	9,46	15,31	31,17
1935	65,03	22,45	15,31	46,6	27,61	19,52	23,75	30,84		49,48	37,34	10,4	18,18	39,51
1940	55,25	22,22	13,41	43,12	25,16	17,08	21,32	25,37	22,02	41,51	39,73		16,45	40,67
1945	42,13	18	10,88	33,7	18,37	13,24	18,26	19	15,48	32,88	35,25			22,32
1950	52,16	19,76	14,67	38,58	22,52	19,49	23,03	24,14	15,69	46,03	55,52	5,24	6,55	20,09
1955	48,06	17,01	15,4	36,51	21,78	19,28	23,37	24,81	13,24	47,07	60,45	6,44	8,13	25,43
1960	49,07	14,18	18,82	37,55	22,04	20,21	26,16	26,21	12,99	42,33	67,1	5,85	8,57	35,19
1965	47,48	13,46	16,91	33,7	20,04	19,12	26,82	26,78	12,27	35,05	67,07	5,86	8,96	44,22
1970	48,58	14,48	19,35	34,21	20,59	18,93	28,69	25,64	11,79	33,52	63,82	5,84	12,42	64,63
1975	49,88	15,45	25,36	25,93	22,24	21,24	30,86	26,57	13,35	32,99	63,13	6,14	16,81	69,66
1980	44,17	13,85	27,86	30,48	22,92	22,23	33,53	22,95	17,27	35,62	54,95	6,52	20,48	72,28
1985	32,99	10,53	23,81	24,3	20,62	19,48	29,63	17,7	15,12	26,95	40,18	7,93	26,83	74
1990	27,73	9,47	21,2	27,59	20,8	16,82	26,23	12,97	14,14	27,86	35,83	8,06	37,52	80,98
1995	33,22	9,81	22,73	34,82	22,18	17,73	25,25	14,39	13,87	30,7	36,68	10,15	48,46	80,95
2000	31,31	9,1	21,43	33,15	18,52	15,06	27,49	13,16	10,67	28,44	30,49	10,31	50,36	72,38
2005	30,9	8,95	22,77	34,51	19,18	16,63	27,5	14,28	11,93	25,69	30,1	13,35	55,27	70,2
2010	38,52	10,44	28,85	38,38	22,72	18,93	29,83	19,3	14,49	33,32	34,72	19,6	64,01	71,06
2015	37,08	11,79	30,09	41,05	25,13	20,74	30,61	21,76	16,24	36,59	35,75	23,28	67,06	70,41
2018	33,53	12,1	25,36	39,95	24,48	19,23	29,81	22,25	16,88	36,48	19,35	23,68	68,54	69,89

Fonte: BOLT, Jutta and Jan Luiten van Zanden. Maddison style estimates of the evolution of the world economy: a new 2023 update. In: Journal of Economic Surveys, 2024, p. 1-41. Elaboração do autor, a partir dos dados brutos.